

**REFERENCIAÇÃO ANAFÓRICA:  
UM PRINCÍPIO DE INTERPRETABILIDADE  
EM ARTIGOS CIENTÍFICOS**

*Elizete Inês Paludo* (UNIOESTE)  
[eipaludo@seed.pr.gov.br](mailto:eipaludo@seed.pr.gov.br)

**1. Introdução**

Esta pesquisa teve início em 2011, com um grupo de pesquisadores que passaram a acompanhar aulas ministradas pela pesquisadora proponente do projeto, professora doutora Aparecida Feola Sella, numa turma de 9º ano do ensino fundamental de um colégio pertencente ao município de Cascavel, no Paraná. A partir da temática “Dia Internacional da Água” os alunos envolvidos na proposta de estudos produziram textos do gênero artigo científico. O material coletado serviu de subsídio intervenções práticas e análises teóricas que se seguiram em distintos projetos com a finalidade de observar especificidades na produção textual e propor práticas de ensino diferenciadas no uso da língua.

Este artigo trata da segunda fase da proposta de estudos que foi iniciada em 2012 e contempla a verificação dos elementos referenciais. O subsídio teórico é buscado nas pesquisas atuais da linguística textual. A referenciação anafórica é tida como atividade discursiva sociocognitiva e interacional de (re)construção de objetos discursivos, o respaldo teórico é buscado em Apothéloz (1995), Marcuschi (2001-2012), Cavalcante (2003-2013), Koch (2006-2013), Haag & Othero (2003) e em outros estudiosos no assunto. Com olhar voltado ao contexto escolar, as atenções remontam ao texto como unidade de análise. Nesse sentido, o apoio é buscado nas ideias de Geraldini & Ilari (1984-2003), Bakhtin (2003) e pesquisadores desse âmbito de estudos. Este estudo tem como *corpus* um artigo científico produzido por refacção textual, conforme os pressupostos teóricos abordados e a realidade observada em sala de aula.

A relevância desta pesquisa como um todo está em contribuir com um ensino de melhores resultados, tendo em vista o diferencial do estabelecimento observado em pesquisas acadêmicas, com resultados pouco satisfatórios em leitura e produção escrita, principalmente no que diz respeito à Educação Básica. Sabe-se, porém, o quanto são complexas as formas de buscar um ensino mais qualitativo, pois nem sempre se tem clareza das melhores maneiras de implementar práticas pedagógicas que

contribuam com avanços no sentido de, pelo menos, minimizar esse problema. É nessa direção que a análise empreendida aponta na tentativa de proporcionar o desenvolvimento de práticas pedagógicas de produção textual mais eficazes, capazes de impulsionar o processo de escrita. Conforme apontam Geraldi & Ilari (1990, p. 57), as diversas possibilidades de estabelecer sentido a um texto estão vinculadas ao conhecimento de mundo e linguístico e, muitas vezes, estão atreladas à estrutura sintática ou ao processo de interação. Como o processo de interpretação está atrelado a pistas que devem ser buscadas pelo leitor. Este, ao investigar mensagens dotadas de alguma complexidade, deve ir além dos dados que não se manifestam claramente ou não esclarecem os mesmos aspectos dos dados e pode aprimorar seu conhecimento com metas e empenho para atingi-lo. Então o artigo científico é explorado, por ser um gênero que exige do aluno lançar mão de diferentes bases teóricas para atribuir certa cientificidade ao texto a fim de que consiga produzir textos melhores e não centrados apenas em conhecimentos do senso comum, algo que exige compromisso do aluno com a leitura e do professor ao orientá-lo.

Pelo fato de ser um dos mecanismos implicados na produção de sentido com importante papel no processamento do texto, o estudo da referenciação vem como contribuição, podendo servir para que se ampliem as formas de impulsionar o processo de escrita e, ao flagrar caminhos percorridos de modo sociocognitivo e interacional, para viabilizar a interpretabilidade. Quando aprende a lidar com os processos referenciais, o aluno pode aperfeiçoar sua capacidade crítica e argumentativa, de modo que possa compreender os efeitos de sentido gerados por diferentes propósitos e significados que permeiam a estrutura textual. Acredita-se que esse seja um meio eficaz para que o produtor do texto se perceba sujeito que é transformado mas que também transforma e consiga assumir posicionamentos mais qualitativos em suas argumentações, tendo por base o discernimento nas escolhas lexicais que o conhecimento linguístico proporciona. Na medida em que tudo se torna mais claro ao estudante, ele pode se assujeitar menos a propostas prontas e acabadas, vindo a questionar mais o que se passa diante dos olhos. Além disso, os apontamentos deste estudo pretendem demonstrar como a aplicação de teoria compatível a um ensino embasado em pressupostos da linguística textual, considerada na (re)formulação do sentido. Importa lembrar, no entanto, que nenhum estudo até hoje conseguiu transpor totalmente conceitos preexistentes no ensino, o que faz dessa proposta um grande desafio aos que buscam investigar fenômenos da linguagem sem hesitarem no meio do percurso, por compreenderem a importância de investir em teorias e prá-

ticas mais funcionais a um ensino que tem como meta ampliar a capacidade argumentativa entre os educandos, de forma que estes possam produzir e compreender a argumentatividade não somente em artigos científicos, mas em textos dos mais variados gêneros.

## 2. *Texto e sentido*

Bakhtin (2003, p. 307-400) postula que “a atitude humana é um texto em potencial”, pois possibilita o raciocínio e, conseqüentemente, a pesquisa. Nessa via de análise, cada ser humano se constitui de múltiplas vivências e experiências porque em cada texto produzido se concentra não somente a manifestação individual do autor mas também as interferências (vínculo social, psiquismo, história, constatações, juízos de valor) que o constituem enquanto sujeito. Entrecruzam-se ainda o mundo consensuado e os objetos da representação criada, ou seja, tudo está interligado. Na medida em que conhecimento e interpretação conduzem cada palavra de dado contexto para além dos seus limites, um texto ganha vida em contato com outros textos. Compreende-se, assim, que todo modelo textual carrega alguma formação discursiva do seu autor e há formas de percebê-las ao lançar mão de observações mais cuidadosas dos recursos da língua utilizados para compor as produções.

Marcuschi (2012, p. 94-101) defende que “um texto é uma proposta de sentido e ele só se completa com a participação do seu leitor/ouvinte”. A construção de uma representação coerente de sentidos depende dos mecanismos linguísticos presentes nas informações contextualmente dadas e nos modelos cognitivos acionados na tentativa de apreender o sentido veiculado. Mas o trabalho com textos não se trata de um amontoado de frases, uma vez que “se comunica por textos e não por unidades isoladas”.

Pelo pensamento de Geraldí (1984, p. 81), “mais do que o texto definir suas leituras possíveis, são os múltiplos tipos de relações que com eles nós, leitores, mantivemos e mantemos que o definem”. Resta pensar o modo como a construção textual é tratada, pois não basta conceber sua noção dialógica, mas evidenciá-la num trabalho educativo capaz de transcender o ato da escrita com oportunidade de o sujeito não só recuperar mas também ampliar sentidos em construções textuais bem elaboradas.

Para Koch (2008a, p. 31), o texto é “o próprio lugar da interação” entre sujeitos ativos que constroem suas atividades discursivas, sempre disponíveis para novas categorizações, pois as categorias utilizadas para descrever a vida em sociedade são constantemente modificadas.

Diante do exposto, a linguagem que sustenta a configuração escrita e sua produção de sentidos passa a ser estudada aqui sob uma perspectiva que considera a elaboração do conhecimento pela interação entre texto e sujeitos: autor e leitor. Sendo assim, neste estudo, assume-se a concepção de texto de Koch & Elias:

O texto é lugar de interação entre sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos; e que, por meio de ações linguísticas e sociocognitivas, constroem objetos de discurso e propostas de sentido, ao operarem escolhas significativas entre as múltiplas formas de organização textual e as diversas possibilidades de seleção lexical que a língua lhes põe à disposição (KOCH & ELIAS, 2010, p. 07).

Por essa via de análise, os elementos linguísticos são tidos como meios para a formulação do sentido no texto. Verificam-se incompletudes, redundâncias, ambiguidades ou mesmo a necessidade de recorrer a outros textos para fortalecer a produção. As estratégias acionadas servem de pistas que permitem o reconhecimento das intenções do autor postas em jogo discursivo e as atribuições de sentido possam ser validadas, contestadas, alteradas ou ampliadas.

### **3. A coesão referencial**

De acordo com Fávero (2009, p. 13), “há certos itens na língua que têm a função de estabelecer referência, isto é, não são interpretados semanticamente por seu sentido próprio, mas fazem referência a alguma coisa necessária a sua interpretação”. Podem, por exemplo, servir de elementos referenciais a Machado de Assis: nosso maior escritor, mestre, ele...

Biezus & Sella (2007, p. 01) e Bernardi & Sella (2012, p. 44) defendem que referenciar envolve interação e intenção, pois o produtor vai selecionar o material linguístico que melhor se adapte ao seu ponto de vista, a fim de concretizar sua proposta de sentido. Desse modo, os elementos de retomada merecem atenção no ensino, pois revelam-se cruciais na construção textual dos sentidos. Se bem explorados, são meios eficazes para aprimorar o conhecimento do aluno em sua capacidade crítica e argumentativa.

Segundo Souza (2010, p. 86-92), sempre que falamos, lemos ou escrevemos, ativamos ou desativamos entidades, mantendo-as na cadeia discursiva de modo contínuo ou gerando descontinuidades, digressões, rupturas ou truncamentos com maior ou menor grau de recuperabilidade, pois a ligação dos termos com suas relações de sentido que forma a base para a coesão entre as mensagens veiculadas em um texto. Como é possível perceber no exemplo que segue, embora a noção de cadeia possa apresentar algumas impropriedades, é um meio ou recurso importante para manter a atenção do interlocutor nas entidades introduzidas no discurso.

Às sete horas daquela manhã, **um oficial ARVN** postou-se diante de **um jovem prisioneiro**, amarrado e vendado contra *uma parede*. **Ele** fez ao **prisioneiro** muitas perguntas, e quando **o prisioneiro** falhou em responder, **ø** o surrou repetidamente. *Um observador americano* que presenciou A SURRA disse que **o oficial** 'realmente bateu *nele* pra valer'. Depois dA SURRA, **o prisioneiro** foi forçado a permanecer em pé contra *a parede* por muitas horas (SOUZA, 2010, p. 86-92).

No que diz respeito ao mapeamento das alterações dos objetos de discurso em uma cadeia evolutiva, Souza (2010, p. 161) diz que “tais alterações refletem uma propriedade mais geral manifesta em todos os subsistemas da organização linguística (morfossintático, semântico, fonológico e discursivo), em razão da instabilidade imanente à própria língua”. Um referente evolutivo pode ser representado em estreita correlação com o caso das anáforas associativa: “Sofia descascou *uma maçã*, depois ela *a* comeu.” / “Sofia descascou *uma maçã*. Ela jogou *a casca* na lata de lixo.” No primeiro enunciado, a anáfora pronominal estabelece relação de correferência com a entidade anafórica e o referente 'A MAÇÃ' evolui nas relações de predicação ao ser paciente de dois processos: 'descascar' e 'comer'. O segundo enunciado implica em não correferencialidade, pois a interpretação da entidade anafórica se faz vinculada a uma construção complexa, resultado da relação verbo/paciente, já que incorpora e dá ênfase à ausência da CASCA da maçã comida por Sofia (a anáfora associativa ancora-se em 'a casca', um referente inferencialmente disponível). Souza (2010, p. 169), com amparo em Kleiber, demonstra que o problema do referente evolutivo também associa-se a processos meronímicos. Em contextos de destruição, por exemplo, a expressão anafórica não pode retomar um antecedente que não mais existe: “A bomba destruiu *o carro*, e a polícia não pôde periciá-*lo*.” Quanto à questão do referente evolutivo, Souza (2010, p. 166), apoiada em orientações de Koch e Marcuschi, sugere “prestar especial atenção às elipses, que funcionam como

instruções para que o leitor olhe para uma expressão prévia que a possa substituir, garantindo, assim, a continuidade referencial”.

Em “Mate um frango saudável e bem gordinho. Prepare-o para ir ao forno, corte-o em quatro pedaços e asse-o por uma hora.”, o frango do último enunciado não é o mesmo do primeiro, mas os atributos que designam o referente nem sempre transformam ou incorporam as modificações, caso típico dos referentes evolutivos.

Conforme orienta Marcuschi (2010, p. 170), só há critério de suficiência para o encadeamento correferencial no caso da matéria subjacente (existe possibilidade de continuidade referencial) se forem considerados dois estados do mesmo referente. Num caso como “O vaso tombou por terra e se desfaleceu em mil pedaços. Em seguida, Paulo o restaurou.” a correferencialidade não é possível, pois os pedaços é que foram restaurados. Mas em um enunciado como “O vaso tombou por terra e se desfaleceu em mil pedaços. Em seguida, Paulo o recolheu.” existe retomada correferencial.

Então, ao levar em conta a instabilidade das relações entre palavras e coisas, a referenciação é assumida neste estudo conforme enuncia Koch (2011, p. 79), para quem a realidade é produto de uma interação contínua entre *práxis*, percepção e linguagem: como “uma atividade discursiva”. Os mecanismos linguísticos representam o mundo sob determinada ótica enquanto as entidades designadas são vistas não como objetos-de-mundo mas como *objetos-de-discurso*.

Como o fenômeno da referenciação anafórica é apresentado de modo um tanto complexo nas classificações e tratamentos de diversos autores que buscam compreender as relações entre os termos da língua ao longo do tempo, seguem alguns apontamentos.

### **3.1. A referenciação anafórica na perspectiva de Apothéloz**

Apothéloz (2003) conceitua as anáforas como mecanismos de estabilização dos referentes no discurso com diferentes restrições impostas pelo antecedente. Os sintagmas nominais têm empregos referenciais e não-referenciais: “nem todo sintagma nominal é necessariamente utilizado para referir” (*Giscard d'Estaing é o Presidente da República francesa*), “há correferência entre duas expressões sempre que elas designam no discurso o mesmo referente” (Na praça tinha uma *igreja*. A *construção* era grandiosa.), “existe correferência virtual com o objetivo de operar uma

correferência real” (Vou colocar *meu carro* na garagem. E tu, podes deixá-lo na frente da casa). No que diz respeito à construção do sentido, a anáfora pode ou não transformar o objeto de discurso, o locutor pode influenciar o leitor pela asserção de um ponto de vista; os mecanismos anafóricos podem levar a simples retomada de informação ou a aspectos especificamente construtivos do discurso. As modificações que a atividade anafórica pode operar são: recategorização lexical explícita; recategorização lexical implícita; recategorização com modificação da extensão do objeto.

Potencial anafórico: referencial/atributivo ou correferencial. A anáfora relaciona-se com seus referentes de maneira exofórica/endofórica por referência opaca.

**Os tipos de anáfora:** *anáfora fiel/infiel*; *anáfora por nomeação*; *anáfora por silepse*; *anáfora associativa*. A anáfora é considerada *fiel* quando um referente anteriormente introduzido no texto que é retomado por um sintagma nominal definido ou demonstrativo, sendo uma das possibilidades de correferência (uma casa... a/esta casa...). Diz-se da anáfora *infiel* quando o nome da forma retomada é diferente daquela introduzida (trata-se de sinônimo ou hiperônimo) ou quando lhe é acrescida uma determinação qualquer (*uma casa... a habitação*). Anáfora por nomeação: quando um sintagma nominal transforma-se em referente no processo denotado por uma proposição anterior. Essa nomeação pode apresentar-se em pelo menos dois casos: pode retomar o conteúdo proposicional da proposição, pode retomar o ato de fala realizado por meio da enunciação do conteúdo e pode ainda ser construída a partir de conteúdos implícitos, dando ao enunciador a oportunidade de repetir a informação ou manifestar sua subjetividade. Anáfora por silepse: pela retórica clássica, denomina-se silepse quando toma-se uma palavra em dois sentidos diferentes. Exemplo: “Uma mulher infiel, se assim for conhecida pela *pessoa interessada*, é apenas infiel. Se *ele* a crê fiel, ela é pérfida”. A anáfora por silepse concorda com o sentido e não segundo a gramática: a expressão *a pessoa interessada*, do gênero gramatical feminino, é retomada pelo pronome masculino *ele*, o que leva a perceber pessoa como alguém do sexo masculino. Em casos de referência a uma entidade coletiva e outra individual, essa anáfora pode ser interpretada como associativa (numa expressão que designe lugar, por exemplo, em situações do tipo: a cantina... elas / nos Estados Unidos... eles), pois a presença do determinante pode aproximar-se a um caso dêitico de memória que conduz o sentido da interpretação. Anáfora associativa: são os sintagmas nominais definidos

que, de um lado, apresentam certa dependência interpretativa a um referente já mencionado e, por outro lado, a dependência paira na ausência de correferência com a expressão introdutora ou designadora do referente. Essa associação é marcada pelo campo semântico das palavras, quando há relação de termos de uma mesma família ou espaço. Em “Nós chegamos a uma cidade. *A igreja* estava fechada”, o fator desencadeador da interpretação são os conhecimentos gerais supostamente partilhados em relação a referências genéricas (uma cidade tem uma igreja; uma escola estabelece referência com alunos, professores, aulas etc.).

### **3.2. A referenciação anafórica na perspectiva de Cavalcante**

Para Cavalcante (2003a, p. 105), a referenciação é um processo de representação cognitiva em constante elaboração completado por pistas linguísticas e inferências várias. A construção dos referentes supõe ações mútuas entre língua e práticas sociais. Assim, a evolução referencial depende dos modos com que os usuários da língua avançam na representação das suas experiências simbólicas e intersubjetivas de linguagem. Ao reconhecerem que vários sentidos podem ser (re)construídos pelos processos de referenciação, Cavalcante e Brito (In: Cavalcante & Lima, 2013, p. 123-129) concebem a função argumentativa das expressões referenciais e assumem o “fenômeno de reconstrução de referentes” como modo de o sujeito estabelecer relações até mesmo imprevistas, de modo a destacar pontos de vista sobre a entidade referida.

Segundo Cavalcante (2003a, p. 106), “constituem *expressões referenciais* todas as formas de designação de referentes”. A continuidade referencial nem sempre ocorre com a manutenção do mesmo objeto-de-discurso. Em casos de não-correferencialidade, a progressão textual vincula-se a uma espécie de associação que os participantes da enunciação elaboram de modo inferencial. Assim, convém analisar os elementos referenciais em blocos diferentes.

Cavalcante (2003a, p. 107-117) propõe uma classificação geral de elementos referenciais anafóricos e dêiticos em dois blocos:

INTRODUÇÕES REFERENCIAIS PURAS (SEM CONTINUIDADE):  
dêiticos pessoais; dêiticos temporais; dêiticos espaciais; dêiticos memoriais.

CONTINUIDADES REFERENCIAIS:

**1. anáforas com retomada:**

**1.1 anáfora correferencial (total):**

*1.1.1 anáfora correferencial cossignificativa;*

1.1.2 *anáfora correferencial recategorizadora:*

- a) por hiperônimo;
- b) por expressão definida;
- c) por nome genérico;
- d) por pronomes;

1.1.3 *anáfora não cossignificativa e não-categorizadora:*

**1.2 anáfora parcial:**

1.2.1 *anáfora parcial cossignificativa:*

- a) por SN;
- b) por indefinido ou numeral;
- c) por adjetivo.

**2. anáforas sem retomada:**

**2.1 anáfora indireta:**

2.1.1 *anáfora indireta com categorização de um novo referente;*

2.1.2 *anáfora indireta com recategorização lexical implícita;*

2.1.3 *anáfora indireta com recategorização lexical;*

**2.2 anáfora encapsuladora;**

**2.3 anáfora encapsuladora com dêitico (meio direta, meio indireta; híbrido-DD);**

2.3.1 *por demonstrativo;*

2.3.2 *por SN (anáfora-rótulo com dêitico).*

### **3.3. A referenciação anafórica na perspectiva de Haag & Othero**

De acordo com Haag & Othero (2003b, p. 66), o significado tradicional de anáfora tem a ver com toda retomada de um elemento anterior em um texto. Mas o processo de construção de sentidos na mente humana liga-se a vários fatores presentes no jogo discursivo, que vão “desde conhecimentos linguísticos estritos a conhecimentos de mundo do interlocutor”. O fenômeno da retomada anafórica nos textos é decisivo para o estabelecimento da coesão e para o entendimento global ou da coerência. Assim, o entendimento das ligações entre termos anafóricos e seus antecedentes amplia as possibilidades de compreensão das informações veiculadas, bem como da elaboração de melhores produções escritas.

Conforme esclarecem Haag & Othero (2003b, p. 68), podem ocorrer problemas no processo de identificação do referente anafórico porque sua associatividade é dependente da informação que o autor julga mais relevante, na escolha do termo que pretende atribuir maior importância. Por outro lado, “curiosamente, solucionamos inúmeros processos anafóricos intuitivamente em nosso cérebro, durante o processo de comunicação, a cada instante, sem sequer nos darmos conta”. Essa resolução exige grande esforço na memória de trabalho daquele que elabora a comunicação. Mesmo assim, nem sempre os termos são relacionados com clareza no processo de decisão para a identificação de um antecede-

dente. Em certos casos pode haver mais que um termo servindo de antecedente ou a informação pode ser atribuída a outro antecedente que não esteja devidamente relacionado ao termo anafórico ativado, a saber: “*Minha colega* fez uma prova esta manhã. *Ela* estava bem nervosa.” / “*Minha colega* fez uma prova esta manhã. *Ela* englobava toda matéria.” Na tentativa de contribuir para relações adequadas entre termos anafóricos e antecedentes para melhor processamento textual, Haag & Othero (2003b, p. 78) alertam sobre a necessidade de maior esforço em compreender o sistema da linguagem, atribuir maior relevância a traços semânticos e a fatores ainda não previstos que também podem influenciar as escolhas feitas nas produções.

Haag & Othero (2003a, p. 01-03) fazem uso da expressão *descrições definidas como forma de* representar os sintagmas nominais iniciados por artigo definido e que apresentam relação de anáfora associativa com referentes textuais. A expressão ativada pela primeira vez no texto serve de *âncora* para o estabelecimento da relação entre um *referente* e suas *descrições definidas* que são suas *anáforas associativas* ou “relações expressas por descrições definidas existentes no discurso”. As relações de anáforas com referentes textuais são assim classificadas por Haag & Othero:

ANÁFORA CORREFERENCIAL:

- a) direta; b) indireta;
- c) pronominal.

ANÁFORA REFERENCIAL:

- 1. hiponímia;
- 2. meronímia (parte integrante, material);
- 3. repetição de nome-núcleo;
- 4. nominalização (com sinonímia, com hiperonímia, de adjetivo);
- 5. inferência;
- 6. antonímia;
- 7. oposição semântica;
- 8. propriedade;
- 9. frames;
- 10. papéis temáticos do verbo;
- 11. membros de um grupo.

### **3.4. A referenciação anafórica na perspectiva de Marcuschi**

Marcuschi (2007, p. 108) lembra que a linguagem trouxe ao homem a percepção de sua condição social, bem como oportunizou a ele “saber que pensa o que pensa e o quê pensa”. Existe a possibilidade de dizer criativamente o mundo, mas “não há nenhuma garantia de que as

fórmulas sempre vão funcionar do mesmo jeito. Tudo dependerá das atividades serem colaborativas e cooperativas”. Ocorre, segundo Marcuschi (2006, p. 15), que as estruturas da realidade são variáveis e contínuas e a memória é construída “em adequação ao contexto em questão”. Os objetos que possibilitam a ação discursiva (re)categorizam-se das mais variadas formas, “com base numa complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento estabelecida centralmente no discurso”. Como os objetos-de-discurso representam o mundo em construção, é na atividade discursiva que reside a relação entre os processos referenciais. Para Marcuschi (2007, p. 70) “o sentido por nós efetivamente atribuído às palavras em cada uso é providenciado pela atividade cognitiva situada”.

Por esse viés de análise, a construção de sentidos depende das convenções estabelecidas e dos conhecimentos partilhados entre os interlocutores em dado co(n)texto. De acordo com Marcuschi (2012, p. 121), o sentido é um efeito produzido mediante uma série de operações linguísticas e cognitivas, fruto de um processo desenvolvido na atividade inferencial colaborativa realizada local e globalmente. Tem a ver com questões como: continuidade tópica, coerência textual e atividade inferencial. São os objetos-de-discurso que, de modo dinâmico, cumprem suas ações discursivas num constante ato de construir e reconstruir os sentidos textuais. Marcuschi (2001, p. 226-232) define como

**TIPOS BÁSICOS DE RELAÇÕES ANAFÓRICAS:**

- I. Tipos semanticamente baseados: estratégias cognitivas fundadas em conhecimentos semânticos armazenados no léxico;
- II. Tipos conceitualmente baseados: estratégias cognitivas fundadas em conhecimentos conceituais baseados em modelos mentais, conhecimentos de mundo e enciclopédicos.

E sugere para o estudo das relações anafóricas a divisão em:

**ANÁFORA DIRETA OU CORREFERENCIAL:**

- a) por sinonímia: relações nominais;
- b) por repetição lexical: relações nominais e pronominais.

**ANÁFORA INDIRETA OU NÃO CORREFERENCIAL:**

1. baseadas em papéis temáticos dos verbos;
2. baseadas em relações semânticas;
3. baseadas em esquemas cognitivos e modelos mentais;
4. baseadas em inferências ancoradas no modelo de mundo textual (subtipo: anáforas elípticas);
5. baseadas em elementos textuais ativados por nominalizações;
6. realizadas por pronomes introdutores de referentes.

### 3.5. A referenciação anafórica na perspectiva de Koch

Ao levar em conta a instabilidade das relações entre palavras e coisas, Koch (2011, p. 79) enuncia que a realidade é produto de uma interação contínua entre *práxis*, percepção e linguagem. Assim, define a *referenciação* como “uma atividade discursiva”. Sob esse enfoque, a referência é o resultado de operações realizadas por mecanismos linguísticos para representar o mundo sob determinada ótica. É com essa finalidade que a situação discursiva referencial é criada. Desse modo, “as entidades designadas são vistas como *objetos-de-discurso* e não como *objetos-de-mundo*”. É precisamente nesta questão que reside a ideia de Koch (2008a, p. 31) em conceber que *o texto* é “o próprio lugar da interação” entre sujeitos ativos que nele se constroem e são construídos. A produção textual constitui “atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos” de cunho sociocognitivo e interacional. Atividade que representa, segundo Koch (2011, p. 79), as “escolhas do sujeito em função de um querer dizer”. Conforme orientam Koch & Elias (2010, p. 125), a implementação de uma proposta argumentativa pelo autor integra um processo em que os elementos referenciadores ou referentes adentram ao texto e são retomados sob determinada ótica para a construção de novos referentes. Para Koch (2011, p. 24) o processamento das informações depende não só de características textuais, como também de características dos usuários da língua (conhecimento de mundo, objetivos, convicções, crenças, opiniões e atitudes). No momento da compreensão, a partir das pistas e sinalizações que o texto oferece, o interpretador pode compreender as possíveis conclusões para as quais o texto aponta, posicionar-se ou reconstruir sentidos ainda não previstos pelo produtor do texto.

Para Koch (2009, p. 31), é o autor quem decide o modo de representar as coisas do mundo, bem como quando certa expressão permanece (ou não) em foco no texto. Desse modo, a construção e reconstrução dos sentidos no texto por meio dos referentes anafóricos envolve interação e intenção. As operações básicas para a construção dos referentes textuais na memória discursiva em processos de retomada que permitem a construção de um modelo textual ou ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO TEXTUAL são assim descritas por Koch (2008a, p. 33): a) *construção/ativação*: introdução (ativação) de referentes no modelo textual; b) *reconstrução/reativação*: reconstrução ou manutenção no modelo textual; c) *desfocalização/desativação*.

Segundo Koch & Elias (2010, p. 127), a referência pode ser *situacional* ou *exofórica* (quando o referente faz remissão a um elemento infe-

rível na situação enunciativa) e também pode ser *textual ou endofórica* (quando o referente estabelece relação com algum elemento presente na estrutura interna do texto). Portanto, a referência anafórica é *textual ou endofórica* ao que precede (anáfora) e ao que segue (catáfora). Vejamos um exemplo de anáfora, a remissão para trás: “Paulo saiu; ele foi ao cinema”. E de catáfora, a remissão para frente: “Só quero isto: que vocês me entendam”.

No caso da referência textual, Koch (2008a, p. 35) explica que os referentes podem adentrar ao texto de maneira *não-ancorada* (quando a expressão nominal incide numa categorização inicial do referente) ou *ancorada* (por associação e/ou inferenciação a algum termo ativado no contexto ou no contexto sociocognitivo). *Se a expansão do sintagma ocorrer de modo ancorado, as anáforas são percebidas como indiretas ou associativas*, sendo que essa ampliação pode remeter a elementos anteriores ou posteriores ao sintagma nominal. As autoras delineiam como funções das expressões nominais referenciais sua multifuncionalidade na progressão textual e na construção de sentido dos textos que se produz ou que se procura compreender. Ao desempenharem uma série de funções cognitivo-discursivas na construção textual de sentido (reativação na memória do interlocutor, inclusão de uma nova informação, encapsulamento em uma forma nominal, retomada de um termo pouco usual), são relevantes para ressaltar os propósitos do locutor. “A partir de um *background* tido como comum” pelos interlocutores, seus conhecimentos partilhados podem ser retomados, atualizados ou influenciados. Segundo Koch (2008a, p. 38), ao atuarem na introdução, mudança ou desvio de tópico e também na ligação entre tópicos e subtópicos, as expressões nominais anafóricas assumem o papel de alocar a informação nova dentro do quadro da informação dada e passam a interferir na *retroação e progressão*, grandes movimentos de construção textual.

Para Koch (2011, p. 85), os PROCESSOS DE RETOMADA ocorrem por: a) elipse; b) repetição; c) pronome.

Koch (2006, p. 264-273) classifica as relações anafóricas as *RELAÇÕES ANAFÓRICAS COMO:*

1. anáforas correferenciais sem categorização:
  - 1.1 por repetição total ou parcial;
  - 1.2 por sinonímia ou parassinonímia.
2. anáforas correferenciais recategorizadoras:
  - 2.1 hiperonímia;
  - 2.2 retomada por termo genérico;
  - 2.3 retomada por descrições nominais.

3. anáforas não-correferenciais:
  - 3.1 anáforas indiretas;
    - 3.1.1 anáforas associativas;
  - 3.2 anáforas rotuladoras.

#### 4. *Análise do corpus*

Na análise que segue (apoiada na perspectiva de Koch), o elemento em 1ª MENÇÃO é representado **por negrito** e a CADEIA REFERENCIAL ANAFÓRICA por sublinhado, seguida de numeração correspondente. Cabe lembrar que as possibilidades de análise não estão esgotadas, pois foram verificadas apenas as retomadas pertinentes para o foco desta pesquisa e sob determinada ótica.

##### UM GRANDE VILÃO: O DESPERDÍCIO (1)

RESUMO: O texto está relacionado a uma breve discussão sobre os efeitos causados pelo desperdício da água (2) (1.1). Mas a “ONU” se preocupou com o estado de pureza desse bem natural (2.1), pois sabemos que dois terços do planeta Terra é formado por este precioso líquido (2.2), porém existe  $\Phi$  (2.3) pouca quantidade, cerca de 0,008% do total da água do nosso planeta (2.4) é constituído por água potável (2.5), ou seja,  $\Phi$  (2.6) própria para o consumo.

Palavras-chave: desperdício (1.2), água (2.7), controle.

##### INTRODUÇÃO:

Apesar das inúmeras fontes naturais de água no mundo (2.8) “rios e lagos, em geleiras e aquíferos, chuva e neve” (2.9) a quantidade de água (2.10), que diferentes países conseguem extrair para fornecer a seus cidadãos varia bastante, a água (2.11) é um bem natural (2.12) e todos sabem muito bem disso.  $\Phi$  (2.13) Não é suficiente para que todos tenham acesso a esse recurso natural potável (2.14), ou seja, próprio para o consumo. Pois ela (2.15) é muito importante para os seres vivos.

##### COMENTANDO SOBRE O ASSUNTO:

Segundo fontes do site “IG São Paulo” – 22/03/2011, **o Dia Mundial da Água (3)** acontece no dia 22 de março e é uma data (3.1) para conscientizar o mundo sobre o consumo excessivo (1.3) e desperdício do líquido, que é essencial à vida (1.4) (2.16). A água (2.17) está acabando, pois as pessoas não sabem cuidá-la (2.18).

Alguns exemplos do site IG abordam que, para comer uma maçã, em média foram gastos 70 litros de água (2.19). Um copo de cerveja, 75 litros $\Phi$  (2.20), uma xícara de café, 140 litros  $\Phi$  (2.21) e um quilo de carne, 15.500 litros de água (2.22). E é possível calcular também o uso de água (2.23) em

produtos que compramos como roupas, por exemplo. Uma camisa de algodão exige 2.700 litros de água (2.24). Se continuar desse jeito, quanto mais água (1.5) desperdiçarmos, menos água (1.6) teremos.

Com esses dados, é possível verificar que os números são altos porque contam o quanto de água foi necessário para se obter um produto (2.25). A conta do café inclui não só a parte de água quente (2.26) que é adicionada ao café, mas também o quanto de água (2.27) foi necessário na plantação do produto, assim como em toda sua cadeia produtiva.

O site também cita que, de acordo com a “Water Footprint Foundation”, a média global para a Pegada Hídrica (2.28) de uma pessoa é de 1.243 litros por ano, na Alemanha, 15.451 nos Estados Unidos, isso chega a 2.283, no Brasil, 1.381 litros, e na China, é de 702 litros  $\Phi$  (2.29).

#### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES:

De acordo com dados da Organização Mundial de Saúde, mais de 3.500 crianças morrem diariamente por consumo de água insolúbre (2.30) ou por falta de higiene, ao passo que 1,8 milhão de pessoas morrem todo ano de doenças diarreicas, incluindo a cólera. No Brasil, a má qualidade da água ingerida (2.31) é responsável por 65% das internações hospitalares.

Segundo o Censo de IBGE, realizado no ano 2000, o serviço de abastecimento de água no Brasil (2.32) cobre 89% de sua população.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

<http://espacodeeducar.blogspot.com.br/2011/03/dia-mundial-da-agua-22-de-marco.html>

Foram analisadas no texto três cadeias referenciais anafóricas ativas a partir dos sintagmas nominais: DESPÉRDICIO, ÁGUA e DIA MUNDIAL DA ÁGUA. Os processos de retomada ocorreram fundamentalmente a partir da recorrência a anáforas correferenciais recategorizadoras, responsáveis pela manutenção da mesma entidade. Dessa forma, apoiado nos objetos-de-discurso tomados do texto-base, o autor (re)construiu os sentidos veiculados pela sua produção escrita.

### 5. *Considerações finais*

Alunos do ensino fundamental de uma escola pública puderam vivenciar a experiência pedagógica de explorar processos de retomada na constituição de artigos científicos, com respaldo teórico e orientação adequada às suas reais necessidades. Como resultado, o estudo demonstrou que o aluno nem sempre recorre às anáforas correferenciais e não-

correferenciais mais complexas na construção argumentativa do texto, quando lhe falta a proficiência esperada em leitura. Esse é mais um desafio, pois para ter domínio sobre a manipulação dos elementos referenciais no texto, o aluno precisa aprimorar suas capacidades leitoras.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOTHÉLOZ, Denis. *Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual*. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, B. Biasi; CIULLA, Alena (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 53-84.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução, Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa, Tzvetan Todorov. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Biblioteca Universal).

BERNARDI, Eviliane; SELLA, Aparecida Feola. *Análise do processo anafórico em textos produzidos por alunos do terceiro ano do ensino médio de uma escola pública de Cascavel – PR*. 2012. 141 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Unioeste, Cascavel, PR, 2012.

BIEZUS, Marli; SELLA, Aparecida Feola. A coesão textual na tessitura do texto: a referenciação como artifício de construção de objetos discursivos. *Cadernos PDE*, 2007. Curitiba: SEED/PR, 2011.

CAVALCANTE, Mônica M. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas: UNICAMP, 2003a. p. 105-118.

\_\_\_\_\_; RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alena (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003b.

\_\_\_\_\_; LIMA, Silvana Maria Calixto de (Orgs.). *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 2009.

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. Cascavel: Assoes-te, 1984.

\_\_\_\_\_; ILARI, Rodolfo. *Semântica*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. *Portos de passagem*. 4. ed. 1997. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HAAG, Cassiano Ricardo; OTHERO, Gabriel de Ávila. Anáforas associativas nas análises das descrições definidas. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v. 1, n. 1, ago. 2003a, p. 16.

\_\_\_\_\_. O processamento anafórico: um experimento sobre a resolução de ambiguidades em anáforas pronominais. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 4, n. 1, 2003b. p. 65-80.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *As tramas do texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

\_\_\_\_\_. Léxico e progressão referencial. In: RIO-TORTO, Graça Maria; SILVA, Fátima; FIGUEIREDO, Olívia Maria (Orgs.). *Estudos em Homagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006. p. 263-276. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4564.pdf>>.

\_\_\_\_\_. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. *Revista Veredas*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 29-42, 2009.

\_\_\_\_\_; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3 ed. 3 reimpr. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. *Desvendando os segredos do texto*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 2. ed. 3ª tiragem. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. *Revista Letras*, n. 56. Curitiba: UFPR, jul./dez. 2001. p. 217-258, 2001.

\_\_\_\_\_. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 48, v. 01. Campinas, p. 07-22, 2006.

\_\_\_\_\_. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

\_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008, 5 reimpr., fev. 2012.

SOUZA, Cláudia Nívia Roncarati de. *Cadeias do texto: construindo sentidos*. São Paulo: Parábola, 2010.